

O que querem os taxonomistas?

Fernando Z. Vaz-de-Mello ([vazdemello@gmail.com](mailto:vazdemello@gmail.com), bolsista PQ2 CNPq) e Rafael V. Nunes ([rafavnunes@gmail.com](mailto:rafavnunes@gmail.com), bolsista Capes)

Setor de Entomologia da Coleção Zoológica, Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso

A pesquisa em taxonomia é baseada em espécimes e literatura publicada. Os espécimes devem estar depositados em coleções científicas, e a literatura publicada deve incluir virtualmente a totalidade de publicações sobre o grupo em questão desde pelo menos 1758. Além de sua pesquisa taxonômica propriamente dita, os taxônomos são frequentemente solicitados para proceder à identificação de espécimes de seu grupo de especialidade para pesquisadores de outras áreas. Esse trabalho é comumente encarado como um serviço prestado à comunidade, e em muitas instituições há a oficialização do mesmo, inclusive com cobrança pelo serviço de identificação. Porém, os invertebrados são um grupo excessivamente vasto, e muitas vezes as instituições com serviços de identificação não contam com taxônomos especialistas em algum grupo de interesse do solicitante. Assim, a identificação é, em muitos casos (arriscamo-nos dizer que na maior parte dos casos), feita sem contrapartida financeira (que seria inclusive vedada em muitos casos pelo tipo de vínculo empregatício do taxônomo ou outras questões burocráticas), sendo portanto não mais um serviço prestado, mas uma relação de colaboração científica, na qual o taxonomista pode ter participação em publicações e projetos de pesquisa. Nosso objetivo é abordar mais especificamente esse último caso, em que os taxônomos envolvidos estão associados também a uma coleção de referência que traz a base de seu próprio trabalho de pesquisa em taxonomia. As coleções científicas têm duplo propósito: depositar exemplares oriundos de trabalhos de pesquisa, que em caso de inexistência comprometem a verificabilidade dos dados apresentados na pesquisa; e disponibilizar espécimes oriundos de fontes diversas para trabalhos neles baseados, por exemplo taxonômicos, morfológicos, morfométricos, genético-moleculares, biogeográficos, bioclimatológicos, históricos, etc. Fica óbvio que para a pesquisa em taxonomia, quanto mais bem conservados e preparados os espécimes, e exatos seus dados de captura, mais úteis eles serão. A importância de se ter identificações de espécimes coletados reside no fato de que tais informações serão associadas a um nome taxonômico, aumentando a importância da identificação. Assim, torna-se vantajoso para o taxônomo a colaboração com colegas não taxônomos em troca do acesso aos espécimes daí oriundos para seu próprio trabalho taxonômico. Além disso, muitas vezes os espécimes cuja identificação é solicitada pertencem a espécies comuns, bem estudadas, sobre as quais o taxônomo não tem maior interesse para seu próprio trabalho, e que não representarão um acréscimo importante à coleção. Para evitar essa falta de incentivo à colaboração, a solução mais simples é contatar o taxônomo ainda na época do delineamento do estudo, já que a área ou método usado poderá possibilitar a captura de outras espécies/grupos de interesse mais direto do taxônomo colaborador, em troca dos quais ele certamente não se importará em gastar seu tempo na identificação das espécies mais importantes para o trabalho. É extremamente questionável a ética envolvida na lógica da retribuição da identificação com a co-autoria garantida no trabalho resultante, e existem diversas revisões amplas sobre a ética em questões de co-autoria que não exporemos aqui. Por outro lado, o taxônomo, pelo contato com a virtual totalidade da literatura científica sobre as espécies de seu grupo, em geral funciona como repositório de informações esparsas (em geral notas curtas em meio a monografias ou pequenos trabalhos taxonômicos mais antigos, literatura cinza, etc) sobre distribuição geográfica, variações e extremos de tamanho corporal e dados de história natural dessas espécies. Assim, mesmo para um trabalho sem relação com taxonomia, caso a discussão dos resultados encontrados aponte para a necessidade de conhecimento dessa natureza, o taxônomo colaborador é imprescindível para apontar citações existentes em outros trabalhos, que estão praticamente fora do alcance inclusive das ferramentas de busca sem especialização taxonômica, e que poderão iluminar a interpretação de parte dos

resultados encontrados. Logicamente nesse último caso não há o que questionar quanto à participação do taxônomo na co-autoria do trabalho. Como conclusão geral, o *modus operandi* para garantir uma boa relação com o taxônomo colaborador passa pelos seguintes pontos: 1) contato prévio com o taxônomo ainda na época da preparação e delineamento do projeto; 2) conservação, preparação e envio adequado de espécimes - ponto essencial no processo de identificação; 3) dados precisos associados aos exemplares e que possam ser interpretados por um amplo espectro de especialistas durante um longo período de tempo (não códigos de campo) e 4) relação e discussão transparente sobre questões de participação em publicações. . Garante-se assim uma colaboração frutífera para os dois lados, a não ser que exista um interesse mútuo em que se estabeleça puramente uma relação de prestação de serviço.